Capítulo XI — História tradicional de Moisés (continuação)

> **Sumário.** História tradicional de Moisés (continuação). — Observações.

A mesma tradição se conserva entre os Loucheux do Alasca, outra tribo selvagem da extrema América setentrional. Através de um tecido de fábulas pueris, entrevêem-se nessa tradição certos pormenores que tornam cada vez mais transparente a história de Moisés. Ela diz:

> *Etsiégé, é o nome do herói, foi achado à beira da água, numa gamela de madeira, por uma velha da nação dos Dhoenan (povo inimigo), que o criou e adotou como filho. Quando cresceu, tornou-se muito poderoso, permanecendo o mais manso dos homens. Produzia maravilhas com o auxílio de uma vara de salgueiro ou de uma galhada de rena.*

> *Ora, naquele tempo, morávamos no meio de uma nação estrangeira que nos havia tornado escravos. Chamávamos-lhe a nação do Dhoenan. Esse povo era rico, possuía metal, tecidos, gado; mas queria a nossa destruição. Etsiégé resolveu ir combater os Dhoenan e depois fugir para o deserto que margeia o mar glacial. Armou suas raquetes com dois chifres, deixou a velha avó que o criara; abandonou a mulher, a tenda e tudo o que possuía na terra dos Dhoenan; e dirigiu-se ao lugar onde estavam seus irmãos.*

> *Mãe, disse ele, esta terra é habitada por gente má demais; por isso, em breve prazo, todos vão perecer; meus pais adotivos são duros demais para mim; vou-me embora. Segui apenas estas prescrições, mãe: Esta noite, reforçai e fechai bem a vossa tenda. Quando quiserdes comer, tomareis uma espádua de rena,*

> *fá-la-eis assar, cortá-la-eis em pedaços, tirar-lhe-eis toda a carne. Mas tomai muito cuidado em nunca quebrar os ossos. Depois de comerdes, se puserdes essa espádua para mim fora da tenda, como tributo e oferta, nunca vos faltarão renas.*

Obedeceu-se ponto por ponto. Chegada a noite, fechou-se cuidadosamente a tenda com cordas; o sangue do animal morto foi encerrado numa bexiga e pendurado acima da porta. Assou-se e cortou-se a espádua de rena, sem lhe quebrar os ossos, e comeu-se assada. Feito isso, viu-se erguer-se de repente do cimo da tenda uma coluna de fumaça espessa; a lua empalideceu; o menino poderoso desapareceu e um vento formidável percorreu todo o acampamento. Então todos os inimigos foram arrebatados ao cimo das árvores ou despedaçados contra os rochedos. Seus cadáveres jaziam por toda parte, e todos os seus animais pereceram igualmente.

Etsiégé encontrou um homem belíssimo e disse consigo: *«Vou matá-lo.»* Caminhou, pois, de companhia com ele; depois feriu-o de repente com um torrão de terra que lhe quebrou a espinha dorsal e o estendeu duro morto.

> *Já que fizeste isso, disseram-lhe os seus parentes, todos os Dhoenan te matarão: salva-te.*

Depois desse golpe de mão, Etsiégé fugiu do país dos Dhoenan, acompanhado de seu irmão. Mas, antes de partir, e durante o sono dos Dhoenan, Etsiégé e seus irmãos lhes levaram magnífico despojo. Infelizmente saiu-se um pouco tarde, o que deu ao grande chefe dos Dhoenan tempo de nos perseguir.

Como se estava em marcha, tendo o mar diante de si e o inimigo atrás:

> *Que é que vem lá no mar? dizia-se; é um grande vento que se levanta e divide o mar; ondas altas como abetos surgem, e toda a água se ergue de um lado e de outro; sobe deixando o fundo seco. — Por aqui, por aqui, tomai terra, meus irmãos, tomai terra, gritou Etsiégé.*

Todos o seguiram, e ele os fez atravessar o mar a pé enxuto. Chegaram todos sãos e salvos à outra margem e tomaram terra. Então ele, sozinho, à beira do mar, move de novo o seu bastão e fere com ele a terra. Logo cai o esteio que a sustenta, a terra afunda, a água sobe e, cobrindo a terra, faz perecer o resto dos Dhoenan.

Ao cair da tarde, Etsiégé disse a seus irmãos:

> *Nossa pátria ainda está bem distante; mas tomai coragem, vou fazê-la aproximar-se.*

Dizendo isso, tomou um filhote de rena, imolou-o e, arrancando-lhe o nervo da perna: *«Não comereis isto»*, disse a seus irmãos. Pela virtude dessa operação mágica, a terra de seus antepassados aproximou-se um pouco.

Entretanto, no deserto árido que habitávamos em tendas de musgo, encontrou-se uma nação de homens poderosos. Traziam por touca gorros de madeira, semelhantes às fachinas de nossos abetos, e sobre o peito uma veste composta de seixos aglutinados; um grande escudo pendia-lhes do ombro esquerdo, e levavam facas formadas de uma pedra presa à ponta de uma vara. Não era, pois, fácil livrar-se deles; todavia resolveu-se combatê-los.

Como Etsiégé não podia combater por causa de sua grande idade, fez-se transportar para uma montanha por seus dois filhos. Etsiégé tinha um irmão mais novo, jovem mágico, revestido do hábito branco mágico. De acordo com Etsiégé, massacrava os nossos inimigos sem combater. Revestido de longo hábito de arminho branco, balançava sem cessar um instrumento suspenso por uma correia; balançava-o falando; mas já não sabemos o que dizia.

> *Na primeira vez que vos vimos, padres, balançar os vossos turíbulos falando em voz baixa, pensamos que faláveis algo de análogo. Pois bem! por essa palavra e esse balanço, massacrava ele os nossos inimigos.*

Um dia, entre outros, reuniu-se grande número deles: eram Esquimós. Eram tantos que ficamos tomados de espanto. Não obstante, pusemo-nos em defesa; mas levávamos a pior e começávamos a fugir. Quando Etsiégé percebeu o rumo que tomava a batalha, subiu à montanha e ali ficou pronunciando suas palavras mágicas costumeiras. Seu irmão mais novo, revestido do hábito branco de arminho, balançava o instrumento falando baixinho.

De repente Etsiégé pôs-se a saltar e a passar em forma de cruz de um ombro ao outro de seu irmão, pronunciando cada vez esta única palavra: LSCH! E cada vez que a proferia, um inimigo mordia o pó. Pereceram assim até o último; pois durante todo o dia os dois irmãos só fizeram, um, balançar o instrumento rezando, o outro, passar por cima do irmão em forma de cruz.

Eis por que, na festa que celebramos na renovação da lua, no terceiro mês do ano, em honra de Etsiégé, lhe pedimos que passe por cima da terra em forma de cruz, a fim de que renove a maravilha que outrora operou e nos proporcione, pela morte de nossos inimigos, grande número de renas.[1]

Vê-se que, reunindo os traços esparsos desse quadro, é fácil reconstruir com exatidão toda a história de Moisés. Como explicar a origem dessa tradição e de outras do mesmo gênero que se encontram ainda hoje entre os povos idólatras de todas as partes do mundo? A resposta não

parece discutível.

O homem nada inventa: recebe. Tudo o que é emana do que foi. Em toda ordem de coisas, a verdade é sempre a primeira. O erro só vem depois, visto que o erro não é senão a alteração da verdade. Essas tradições provêm, pois, do conhecimento primitivo de fatos verdadeiros e retumbantes, que a imaginação ou a ignorância terão alterado, bordando-os de fábulas adaptadas ao gênio de cada povo e em relação com o seu grau de civilização, ou antes, de degradação.

A essa caricatura da verdade não terá sido estranho o pai da mentira. Macaco de Deus, terá desfigurado essas tradições e, pelo órgão de seus sacerdotes, as terá feito aceitar como vindas dele mesmo, de modo a fazer-se passar por Deus: o que, como diz santo Tomás, é o alvo constante de seus esforços.

Notas

[1] *Bulletin des missions catholiques*, número de 6 de setembro de 1878.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:31 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin